



Nome: _____ NOITE Curso: _____
Matrícula: _____ Período: _____ **PROVA TIPO 1** Sala: _____

LIVRO: A Vergonha
AUTOR: Annie Ernaux

1. Leia o trecho a seguir, extraído da obra *A Vergonha*, de Annie Ernaux:

“Naturalmente não procuro fazer uma narrativa, pois ela produziria uma realidade em vez de buscar uma. Também não vou me limitar a elencar e descrever as imagens da memória, mas gostaria de tratá-las como documentos que vão iluminar uns aos outros ao serem abordados de diferentes pontos de vista. Em suma, gostaria de ser etnóloga de mim mesma.” (p. 24)

Com base no contexto da obra e no estilo de escrita da autora, a expressão **“ser etnóloga de mim mesma”** indica que Annie Ernaux pretende:

- a) Examinar suas lembranças com o distanciamento de uma pesquisadora, tratando sua própria vida como objeto de análise social e histórica, e não como simples confissão íntima.
- b) Reconstituir fielmente o passado para criar uma narrativa cronológica e emocional de autodescoberta pessoal.
- c) Representar poeticamente a memória de sua infância por meio de metáforas que expressem o inconsciente coletivo.
- d) Explorar a subjetividade feminina apenas sob uma perspectiva psicanalítica, priorizando a emoção em detrimento da reflexão social.
- e) Produzir uma autobiografia idealizada, em que as lembranças servem para reconstruir uma identidade coesa e reconciliada com o passado.

2. Leia os textos a seguir:

Texto 1 – *A Vergonha* (Annie Ernaux)

“Ontem fui aos Arquivos de Rouen consultar as edições do *Paris-Normandie* de 1952, jornal que o entregador trazia todos os dias para o meu pai. [...] Comecei a folhear a partir de 1º de janeiro. Queria retardar o momento de chegar no dia 15 de junho, entrar outra vez na sucessão inocente dos dias em que eu vivia antes dessa data. (p.20)

[...] Não quis seguir adiante com a leitura dos jornais. Ao descer as escadas do Arquivo, percebi que eu tinha ido até lá com a sensação de que encontraria a cena no jornal de 1952. Depois, pensei incrédula que tudo acontecera enquanto os motores dos carros

roncavam incansáveis pelo circuito de Mans. Juntar essas duas imagens era, para mim, algo inconcebível. Então entendi que nenhum dos bilhões de fatos ocorridos no mundo naquele domingo poderia ser posto ao lado dessa cena sem me encher de estupor. Somente ela era a cena real.” (p.23)

Texto 2 – Notícia de Jornal (Chico Buarque)

Joana errou de João,
Ninguém notou.
Ninguém morou na dor que era o seu mal.
A dor da gente não sai no jornal.

Com base nos dois textos, assinale a alternativa correta.

- a) O fato ocorrido em 15 de junho foi o falecimento do pai da autora, fato completamente desprezado pelos jornais por ele ter sido um indivíduo pertencente às camadas mais baixas da sociedade da época.
- b) A autora buscava nos jornais notícias sobre o circuito automobilístico de Mans, evento esportivo que simbolizava sua infância feliz antes do trauma familiar.
- c) O acontecimento do dia 15 de junho refere-se ao assassinato de sua mãe, evento trágico vivenciado pela autora, mas esquecido pelos veículos de comunicação da época por se tratar da morte de uma mulher.
- d) O episódio que marcou o dia 15 de junho na vida da autora foi o momento em que ela presenciou o pai tentar matar a mãe — um acontecimento íntimo e traumático que, embora determinante em sua existência, permaneceu invisível ao olhar público, assim como a “dor da gente” evocada na canção de Chico Buarque.
- e) Tanto Ernaux quanto Chico Buarque tratam da celebração pública das tragédias pessoais, mostrando como a imprensa se ocupa dos dramas íntimos.

3. Texto de apoio:

“A vergonha se tornou, para mim, um modo de vida. No fim das contas, já nem percebia sua presença, ela estava em meu próprio corpo.” (*A vergonha*, Annie Ernaux)

Em *Poema de sete faces*, Drummond escreve: “O homem atrás do bigode / é sério, simples e forte. / Quase não conversa. / Tem poucos, raros amigos, / o homem atrás dos óculos e do bigode.”

Ambos os textos refletem sobre a consciência do eu diante do olhar social. Com base nessa relação, pode-se afirmar que Ernaux, assim como Drummond:

- a) reconhece a identidade como construção moldada por olhares e convenções sociais.
- b) procura libertar-se da sociedade por meio da negação do passado.
- c) defende a transparência absoluta da vida íntima.
- d) idealiza a figura paterna como símbolo de autoridade moral.
- e) trata a vergonha como fraqueza individual a ser superada.

4. Em *A Vergonha*, Ernaux analisa como a prática religiosa constituía, para sua mãe, uma forma de distinção cultural, atribuindo-lhe valor equivalente ao “saber” e à “boa educação”. A leitura dessa função social da religião dialoga com o conceito de capital cultural. Qual alternativa está mais alinhada a essa análise?

- a) O capital cultural é entendido como um conjunto de bens espirituais que substituem totalmente a instrução formal, representando a cultura como fé.
- b) A religião funciona como uma espécie de capital simbólico, fornecendo reconhecimento social e distinção, sobretudo quando há déficit de capital escolar.
- c) O capital cultural só pode ser adquirido em instituições de ensino formais, não havendo relação com práticas religiosas.
- d) A religião é apresentada por Ernaux como obstáculo absoluto ao acesso a qualquer forma de capital cultural.
- e) Ernaux mostra a religião apenas como crença pessoal, sem relação com as hierarquias sociais.

5. Leia o fragmento a seguir, extraído de *A Vergonha*, de Annie Ernaux:

“Ser como todo mundo era o objetivo geral, o ideal a ser conquistado. A originalidade passava por excentricidade, era um sinal de que a pessoa tinha um parafuso a menos. Todos os cachorros do bairro se chamavam Miquet ou Bobby.” (p.41)

A partir da experiência pessoal da autora, é revelado um código de conduta rígido a ser praticado pela sociedade da época. Dentre os comportamentos esperados, o único que está em **desacordo** com os apontados na obra é:

- a) Retribuir, fosse uma refeição ou um presente.
- b) Não incomodar as pessoas indo à casa delas sem avisar ou fazendo perguntas muito diretas.
- c) Não ofender os outros recusando um convite ou um biscoito oferecido por alguém.
- d) Deixar de cumprimentar alguém na rua poderia ser interpretado como uma forma de negação da existência do outro.
- e) Seguir com rigor as etiquetas de educação entre pais e filhos e entre marido e mulher. Não eram permitidos gestos rudes, raiva ou gritaria como formas de comunicação nas famílias.

6. Leia os textos abaixo:

Texto 1. **Maria da Vila Matilde** (Elza Soares)

“Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço.
Aqui você não entra mais,

Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo
Se você se aventurar.

Eu solto o cachorro
E, apontando pra você,
Eu grito: péguix...
Eu quero ver
Você pular, você correr,
Na frente dos vizinhos.
Cê vai se arrepender
De levantar a mão pra mim.”

Texto 2 – A Vergonha (Annie Ernaux)

“Escrevo essa cena pela primeira vez. Até hoje, me parecia impossível fazer isso, mesmo num diário. Como se fosse uma ação proibida que traria um castigo. Talvez o de não poder escrever mais nada depois. (Senti uma espécie de alívio há pouco, ao constatar que continuava escrevendo como antes, que nada de terrível me acontecera.) Na verdade, depois que consegui escrever esse relato, tenho a impressão de que se trata de um acontecimento banal...” (p.11)

Com base nos textos, redija um texto dissertativo em que você: **explique** por que a autora, ao escrever sobre o episódio, passa a considerá-lo um acontecimento banal e **compare** o desfecho vivido pela autora com o apresentado na canção “Maria da Vila Matilde”, destacando semelhanças e diferenças na forma como cada mulher reage à situação.

Ao escrever sobre o momento em que presenciou o pai tentar matar a mãe, Annie Ernaux percebe que transformar o episódio em palavras coopera por fazê-lo parecer banal. Além disso, a autora se dá conta de que o acontecimento é mais comum às famílias do que ela pensava. A escrita, antes concebida como um ato proibido, torna-se uma forma de elaboração da dor, revelando também como a violência doméstica é naturalizada e silenciada socialmente. Diferente da autora, que cresceu num contexto de repressão e silêncio, o eu lírico da canção “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares, rompe o ciclo da violência e denuncia o agressor, reagindo publicamente e afirmando sua autonomia. Assim, enquanto Ernaux mostra a inércia imposta às mulheres de sua época, a figura feminina da canção representa a resistência e a voz ativa contra a agressão.

7. Texto de apoio:

Na crônica “**Annie Ernaux é literatura?**”, publicada na *Folha de S.Paulo* em 2025, **Tati Bernardi** comenta um debate acalorado nas redes sociais sobre o valor literário da escritora francesa **Annie Ernaux**, vencedora do **Prêmio Nobel de Literatura**. A autora do texto ironiza o preconceito de leitores e críticos que desvalorizam escritores voltados à experiência íntima, emocional e cotidiana. Bernardi lembra que **vários autores hoje consagrados — como Hilda Hilst, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues e Marguerite Duras — também foram chamados de “vulgares”, “místicos” ou “histéricos”** por desafiarem padrões morais e estéticos. Ao final, conclui que, se essas vozes marginais não forem consideradas literatura, talvez o melhor seja “não ser literatura”.

Em *A Vergonha*, Annie Ernaux transforma uma lembrança traumática da infância — o dia em que seu pai tentou matar sua mãe — em narrativa literária. A partir do texto de apoio e da leitura da obra, **explique de que modo Ernaux converte a experiência pessoal e banalizada em literatura**, e por que isso desafia os modelos tradicionais de “grande arte”.

Em *A Vergonha*, Annie Ernaux transforma um acontecimento íntimo — o trauma vivido aos doze anos — em um texto literário que vai além da confissão pessoal. Ao narrar o episódio com um olhar analítico e sociológico, ela transforma a memória individual em documento coletivo, revelando as marcas de classe, gênero e moralidade de sua época. Assim, sua escrita questiona os critérios elitistas de “grande literatura”, valorizando a experiência comum como fonte legítima de conhecimento e criação estética. Como observa Tati Bernardi, Ernaux representa uma literatura que rompe fronteiras entre o pessoal e o social, o íntimo e o político.

